

A construção performativa do corpo como substância gozante

The performative construction of the body as enjoying substance

BRUNO J. BONORIS

RESUMO:

No presente trabalho tentaremos demonstrar que o corpo moderno oculta ou esconde seu caráter convencional para se apresentar como uma realidade natural e dada, ou seja, que se desdobra como um corpo a-histórico. Por sua vez, deixando de lado suas características particulares e seus diversos modos de apresentação, sustentaremos que o engano principal do corpo contemporâneo reside no esquecimento de sua construção social e historicamente determinada. Mas o que significa dizer que o corpo se constrói? Como se constrói um corpo? Qual é a sua materialidade? Tentaremos, ao menos de forma introdutória, responder a estas perguntas.

PALAVRAS-CHAVE: corpo — performatividade — Outro — substância gozante

ABSTRACT:

This paper tries to show that modern body hides its conventional character to stand as a natural reality, that is to say, it discloses as an ahistorical body. In turn, leaving aside its particular characteristics and its different modes, it will be argued that the main body of contemporary deception lies in forgetting its social and historically specific construction. But what does it mean that a body is built? How is a body constructed? What is its materiality? The aim is to answer these questions.

KEY WORDS: body – performativity – Other – enjoying substance

A história do corpo é a história de um esquecimento — propõe Le Goff em *Una historia del cuerpo en la Edad Media* — “como se a vida deste estivesse situada fora do tempo e do espaço, confinada na suposta imobilidade da espécie”.¹

Este enunciado tem, pelo menos, dois sentidos: em primeiro lugar — a partir de uma perspectiva mais previsível — indica que o corpo foi esquecido pela história e pelos historiadores, porque durante muito tempo considerou-se que ele pertencia à natureza e não à cultura. Em segundo lugar — e como suporte do esquecimento da disciplina histórica — aponta que o corpo moderno se compôs, estritamente falando, a partir da inadvertência sobre sua própria constituição. Talvez esta seja a característica fundamental do corpo moderno: que oculta ou esconde seu caráter convencional para

¹ Le Goff, J. y Troung, N. (2014). *Una historia del cuerpo en la Edad Media*. Buenos Aires: Paidós, p. 11.

se apresentar como uma realidade natural e dada. O corpo moderno se desdobra como um corpo a-histórico.

Portanto, deixando de lado suas características particulares e suas diferentes formas de apresentação — o corpo máquina, o corpo anátomo-fisiológico, o corpo esfera, o corpo ciborgue —, podemos afirmar que o engano principal do corpo contemporâneo reside no esquecimento de sua construção social e historicamente determinada.

Mas o que significa dizer que o corpo se constrói? Como se constrói um corpo? Qual é a sua materialidade? Tentaremos responder a essas perguntas, pelo menos de forma introdutória.

Através do termo “técnicas corporais” — que anos mais tarde será muito vantajoso para Foucault —, Marcel Mauss demonstrou que cada sociedade possui seus próprios costumes com relação às atitudes corporais. A partir desse ponto de vista, o conceito “técnicas corporais” expressa “a forma com que os homens, sociedade por sociedade, fazem uso de seu corpo de uma forma tradicional”.²

Seria possível entender que, através desse termo, Mauss tentou dizer que cada indivíduo faz uso particular de seu corpo de acordo com a cultura em que foi criado, ou seja, que cada sociedade distorce as formas naturais de fazer as coisas segundo sua própria idiossincrasia. No entanto, seu argumento é mais radical, o que Mauss sustentou é que não há modo natural de fazer as coisas, “provavelmente — afirma — não existe forma natural”.³ Dormir, sentar-se, caminhar, beber, comer, correr, nadar, escalar, a imposição da voz, a forma de olhar, o ato sexual, são todas técnicas, ou seja, **algo herdado por tradição e eficaz em seu uso.**

A pertinência da proposta de Mauss reside no fato de que ele pôs em questão aquilo que é evidente e inquestionável: os usos de nosso corpo que aparentam estar determinados por fins estritamente biológicos. Aquilo que consideramos mais próprio do desempenho de nosso corpo como entidade anátomo-fisiológica é, na verdade, uma operação cultural, regulada pelo enredo simbólico. Diferentemente de outros atos tradicionais, como os religiosos, os jurídicos, ou os morais, os atos corporais são concebidos como atos mecânicos com uma finalidade biológica concreta. Eis aqui o engano que ele quer desvendar. Em suma, para Mauss o corpo é um construto codificado e normalizado que herda um número limitado de técnicas eficazes em seu uso.

Por sua vez, Mauss poderia ser concebido como um dos primeiros teóricos da performatividade — pensando, especialmente, nas ideias de tradição e eficácia. Recordemos brevemente sua origem. Em seu livro *Cómo hacer cosas con palabras*, Austin definiu o enunciado performativo como aquele que não se limita a descrever um fato, e sim o que o realiza no próprio ato de expressá-lo. Verbos como “jurar”, “declarar”, “apostar”, “batizar” etc. produzem orações que, por si só, já são uma ação. Um

² Mauss, M. (1934). *Sociología y Antropología*, Editorial Tecnos, Madrid, 1979, p. 337.

³ *Ibid.* p. 341.

exemplo bastante simples poderia ser quando um juiz diz: “Eu vos declaro marido e mulher”. Ao pronunciar a frase, o matrimônio é constituído e, obviamente, isso muda a realidade que existia até então.

Fora do escopo que esse conceito teve no campo da linguística, é um fato que tem sido decisivo também para o pensamento contemporâneo, especialmente para Judith Butler, que usou essa noção para analisar vários fenômenos com argumentos ousados e potentes. Mas o que significa para essa autora fazer coisas com palavras? Trata-se, possivelmente, de que a palavra, por si só, tem o poder de modelar os corpos em virtude de sua própria substância linguística? De novo, o que significa dizer que o corpo seja constituído, acrescentamos agora, performativamente?

Uma das críticas que Butler recebeu — depois da explosão midiática do seu livro *El género en disputa* — afirmava que a performatividade, o fato de poder criar coisas com palavras, traria como resultado um sujeito livre e autodeterminado que decidiria, por meio de uma ação instrumental, sobre seu gênero e sobre sua materialidade corporal — formas de caminhar, de falar etc. —, de acordo com seu próprio anseio. Por outro lado, os críticos pensaram que o construtivismo butleriano se reduziria a uma posição de monismo linguístico, como se forças impessoais — estrutura, poder, o discurso etc. — fossem capazes de construir realidades fora dos corpos onde são realizadas. Como sair dessa dicotomia? “Se não há um sujeito que decida sobre seu gênero e se, pelo contrário, o gênero é o que determina o sujeito”,⁴ como surge o gênero em sua materialidade corporal? Quem ou o que o constitui?

A resposta de Butler é que a materialidade corporal de um gênero é construída através da repetição ritualizada de normas estabelecidas pelas relações saber-poder. A partir dessa perspectiva, a performatividade não deve ser entendida como um “ato” único e intencional de um “eu” ou de um “nós”, mas como “a prática reiterativa e referencial pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia”⁵. De fato, não existe um “eu” ou um “nós” fora da matriz da inteligibilidade que os constitui.

Em outras palavras, as relações de poder não são uma entidade volátil que recairia sobre corpos inertes e paralisados, mas, *strictu sensu*, são corpos pensando, falando e gozando; pensados, falados e gozados. Os corpos são, por sua vez, efeito e causa das relações de saber-poder. Portanto, a matéria dos corpos é indissociável das normas reguladoras que governam sua materialização e a significação daqueles efeitos que o próprio corpo materializa. Isso quer dizer que o corpo é, de alguma forma, nos termos de Le Goff, o agente e, por sua vez, o produto da história.

Como pode ser observado, Butler tentou de todas as formas se livrar das críticas feitas a um Foucault que supostamente teria se tornado paranoico ao situar o poder como sujeito gramático e

⁴ Butler, J. (2008). *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, p. 12-13.

⁵ *Ibid.* p. 18.

metafísico. De acordo com Butler, num sentido foucaultiano, a produção de um sujeito através das instâncias de poder e saber, é ao mesmo tempo o meio para alcançar sua própria regulação.

Não seria adequado dizer que o termo “construção” corresponde ao lugar gramatical do sujeito, porque a construção não é nem um sujeito nem seu ato, mas um processo de reiteração pela qual chegam a surgir tanto os “sujeitos” como os “atos”. Não há nenhum poder que atue, só existe uma atuação reiterada que se faz poder em virtude de sua persistência e instabilidade. Eu proporia, em vez destas concepções de construção, um retorno à noção de matéria, não como lugar ou superfície, mas como um processo de materialização, que se estabiliza através do tempo para produzir o efeito de fronteira, de permanência e de superfície que chamamos de matéria.⁶

Um fato fundamental é que, uma vez que a performatividade não é um ato singular, mas a reiteração de uma norma ou conjunto de normas que adquire a condição de ato no presente, ficam ocultos ou escondidos seu caráter convencional e sua essência iterativa; e, dessa forma, ela se apresenta para nós como uma realidade natural e eterna.

Nesse ponto, Butler lembra da teoria do narcisismo na obra de Freud, que diz que “o eu é primeiro e principalmente um eu corporal [...] uma projeção de uma superfície”,⁷ ou seja, uma morfologia imaginária. Na verdade, foi Lacan quem extraiu as consequências mais subversivas das ideias de Freud ao sustentar que o eu, a realidade e o corpo, não são um dado primário, mas construções imaginárias mediadas pela ordem simbólica. Em sua teoria do estágio do espelho, Lacan sustenta que o corpo e o eu são construídos pela identificação imaginária com o outro — “o eu é outro” — enquanto eu ideal; mas, a partir de uma instância simbólica, o ideal do eu — ou Ideal do Outro — que regula e orienta essa identificação. A partir desse ponto de vista, as teorias de Lacan e de Butler concordam. Seria possível pensar que a diferença reside em que, para Butler, os esquemas reguladores — o simbólico lacaniano — “não são estruturas eternas, mas constituem critérios historicamente revisáveis de inteligibilidade que produzem e conquistam os corpos”.⁸ Contudo, se entendemos que o Outro lacaniano representa tanto os outros primordiais como a cultura, e se, por sua vez, compreendemos que os outros primordiais são impensáveis sem um substrato histórico-social, seria obtuso pensar que o Outro está “fora de tempo”; e, portanto, deveríamos concluir que o simbólico regula e orienta as identificações imaginárias a partir das quais são construídos os corpos **em sua nuance histórica**. Em

⁶ Ibid. p. 28.

⁷ Freud em Butler, *ibid.*, p. 35-6.

⁸ *Ibid.*, p. 36.

síntese, tudo indica que devemos conceber o simbólico como uma regulação da significação que varia com o tempo e não como uma estrutura quase permanente.

O que nos interessa apontar é que a constituição performativa do corpo não se limita à sua vertente imaginária — estritamente entendida como a imagem do corpo —, mas que abarca também sua face real, ou seja, os modos de satisfação sintomática que o compõem. Em outras palavras, acreditamos que o corpo como substância gozante se constitui performativamente. O que queremos dizer com isso? Que o corpo como substância gozante se constitui a partir da estabilização de certos enunciados, particulares e historicamente determinados, que se normalizam — fazem norma — e que se materializam no sentido mais radical do termo, ou seja, que se convertem em corpos afetados, sensíveis, gozantes.

A partir desta perspectiva, as dicotomias palavra-coisa, ideia-matéria, pensamento-corpo etc. não podem ser sustentadas. O corpo se materializa eideticamente como uma superfície intertextual de enunciados rígidos e particularizados sustentados em uma narrativa histórica esquecida. Finalmente, a linguagem não encontra outro modo de existência que não seja *en-cuerpo* (no-corpo).⁹

“A descoberta freudiana — diz Lacan — nos leva a escutar no discurso essa palavra que se manifesta através, ou até mesmo apesar, do sujeito. O sujeito não nos diz esta palavra só com o verbo, mas com todas as suas manifestações restantes, com seu próprio corpo o sujeito emite uma palavra.”¹⁰

O corpo é o suporte do discurso e, portanto, do gozo. E definir o gozo a partir da inércia do saber, da estabilização e materialização de certos enunciados, implica se livrar da ideia de que o saber é uma abstração que nada teria a ver com o sentir e o agir das pessoas. Como mencionamos anteriormente, é necessário romper com o obstáculo epistemológico fundado na separação radical entre ideia e afeto.

Para refletir sobre esse tema, lembremos da crítica que Lucien Goldman fez a Lacan quando ambos participaram da conferência feita por Foucault, chamada *¿Qué es um autor?* Nela, Goldman relembra Foucault de que a frase “as estruturas não descem às ruas”, escrita pelos estudantes em pleno maio francês, demonstra que não são as estruturas, mas os homens que fazem a história, mesmo quando sua conduta possa ter um caráter significativo ou estruturado. Outra vez, como pode ser observado, Goldman é capturado pela oposição construtivismo-humanismo, que foi tão incômoda para os avanços teóricos de Butler. Lacan, evidentemente, se sente interpelado perante esse comentário e responde:

Não considero de forma alguma legítimo ter escrito que as estruturas não descem às ruas, pois, se há algo que os acontecimentos de maio demonstram, é exatamente a

⁹ N.T.: na língua francesa, *en-corps*, neologismo criado por Lacan, homófono ao título de seu seminário *Encore*.

¹⁰ Lacan, J. (2008). *El seminario. Libro 1: Los escritos técnicos de Freud*. Buenos Aires: Paidós, p. 387.

descida às ruas das estruturas. O fato de que isso seja escrito no mesmo lugar onde aconteceu essa descida às ruas nada mais prova que, simplesmente, o que frequentemente e até na maioria das vezes é interno ao que chamamos de ato, é que ele desconhece a si mesmo.¹¹

Na verdade, o que Lacan tenta enfatizar é que, no ato de escritura, ela se refuta. Ou seja, ao escrever que as estruturas não desciam às ruas, o que se fez foi demonstrar a existência e a influência decisiva da estrutura e do estruturalismo sobre os estudantes. Em outras palavras, para Lacan, da mesma forma que para Foucault, a questão é como os discursos conseguiram capturar os corpos, como um discurso dispõe de um corpo, de suas inclinações, de seus sentimentos, de suas ações. De fato, “entre o corpo e o discurso está isso que os analistas, deleitando-se, pretensiosamente chamam de afetos”.¹²

Para Lacan, então, um corpo “não se goza a não ser corporizado de maneira significativa. O que implica algo diferente do *partes extra partes* da substância extensa”.¹³ É a isso que a invenção de Lacan, de uma nova substância, se refere: a gozante; que, logicamente, difere da substância extensa — na medida em que não ocupa nenhum lugar no espaço tridimensional —, e da substância pensante — na medida em que aqui não há consciência que valha. Em conclusão, o corpo real para a psicanálise é significativo, fato que as histéricas tratadas por Freud revelaram com absoluta transparência. Isso não significa que o corpo seja “meramente representacional”, muito pelo contrário, o significativo só existe fazendo corpo.

Por fim, gostaríamos de recordar duas das mais valiosas indicações de Lacan sobre o gozo: a primeira é que “o saber é meio de gozo”¹⁴ e a segunda é que “o saber é o Gozo do Outro”.¹⁵ Com isso entendemos que para Lacan o saber não é algo que se possua, que se disponha, mas que, sobretudo, é algo que se exerce iterativamente. A partir dessa perspectiva, a frase de Lacan no final do *Seminário 20*, conhecido como seminário do gozo, pode ser entendida: “A chave para o que eu expus este ano diz respeito ao que é do saber, e enfatizei que seu exercício só poderia representar um gozo”.¹⁶ O gozo, então, poderia ser definido parcialmente como o exercício encarnado do saber inconsciente; e a pulsão como o lugar corporal a partir do qual isso fala, nos interstícios da superfície.

¹¹ Lacan en Foucault, M. (2010). *¿Qué es un autor?*, Córdoba, Argentina: Ediciones literales, cuadernos del plata, p. 57.

¹² Lacan, J. (2012). *El seminario. Libro 19: ...o peor*. Buenos Aires: Paidós, p. 224.

¹³ Lacan, J. (2006). *El seminario. Libro 20: Aun*, Buenos Aires: Paidós, p. 32.

¹⁴ Lacan, J. (2006). *El seminario. Libro 17: El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, p. 53.

¹⁵ *Ibid.*, p. 13.

¹⁶ Lacan, J. (2006). *El seminario. Libro 20: Aun*. Buenos Aires: Paidós, p. 165.

BIBLIOGRAFIA

1. Butler, J. (1993). *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*, Paidós, Buenos Aires, 2008.
2. Eidelsztein, A. (2011). El cuerpo en psicoanálisis. Recorridos intertextuales. Curso de Posgrado de la Universidad de Buenos Aires. Inédito.
3. Foucault, M. (1969). *¿Qué es un autor?* Córdoba, Argentina: Ediciones literales, cuadernos del plata, 2010.
4. Lacan, J. (1953-53). *El seminario. Libro 1: Los escritos técnicos de Freud*, Paidós, Buenos Aires, 2008.
5. Lacan, J. (1969-70). *El seminario. Libro 17: El reverso del psicoanálisis*, Paidós, Buenos Aires, 2006.
6. Lacan, J. (1971-72). *El seminario. Libro 19: ...o peor*, Paidós, Buenos Aires, 2012.
7. Lacan, J. (1972-73). *El seminario. Libro 20: Aun*, Paidós, Buenos Aires, 2006.
8. Le Goff, J. y Troung, N. (2003). *Una historia del cuerpo en la Edad Media*, Paidós, Buenos Aires, 2014.
9. Mauss, M. (1934). *Sociología y Antropología*, Editorial Tecnos, Madrid, 1979.

BRUNO J. O BONORIS

Psicanalista. Graduado em Psicologia (UBA). Mestrando na Facultad de Filosofía y Letras da UBA. Professor de Psicopatología Cátedra II, UBA. Pesquisador bolsista UBACyT. Residência completa em Psicologia Clínica no Hospital Ramos Mejía. Membro de Apertura Sociedad Psicoanalítica.
E-mail: brunobonoris@hotmail.com